

OS LIVROS **NÃO** SE RENDEM

Cartas a Um Jovem Dissidente

TRADUÇÃO
Helder Marques

Christopher
Hitchens

ÍNDICE

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	15

CARTAS A UM JOVEM DISSIDENTE

I	19
II	29
III	34
IV	40
V	46
VI	50
VII	55
VIII	60
IX	61
X	65
XI	71
XII	79
XIII	83
XIV	92
XV	101
XVI	109
XVII	117
XVIII	121
CONVITE	132

Em memória de Peter Sedgwick

PREFÁCIO

Meu caro X,
Agora que chegou a altura de lançar esta pequena jangada de papel, creio ser o momento de escrever uma carta de encerramento à guisa de introdução. Enquanto o livro esteve nas mãos dos seus editores e impressores, estive ocupado em várias outras frentes, como sabe. E veio-me à mente uma pergunta solta que me fez, que andava perdida no meu inconsciente: como é que reajo quando me vejo a mim ou aos meus esforços distorcidos ou atacados noutras publicações?

Numa resposta rápida, habituei-me a isso sem me tornar indiferente. Eu próprio ataco e critico as pessoas; não tenho o direito de esperar outro tratamento que não seja o recíproco. E não acredito naqueles autores que afirmam não se importar com as críticas ou advertências que lhes são dirigidas. No entanto, cansa-me ler, vezes sem conta, recensões e notas que se baseiam em recortes de recensões e notícias passadas. Por isso é habitual haver sempre um parágrafo inicial, normalmente escrito numa forma padronizada de palavras tomadas de empréstimo, que diz algo como: «Hitchens, cujos alvos anteriores incluíram pessoas como a Madre Teresa e a Princesa Diana, bem como Bill Clinton, vira-se agora contra...»

Claro que, como adivinhou, isto é desanimador. Para começar, aborrece-me ver a minha suposta «profissão» reduzida a um trabalho de reciclagem. Nunca ninguém tem a originalidade de

dizer «Hitchens, que criticou Madre Teresa por ter apoiado calorosamente o regime de Duvalier no Haiti». Esta é a forma dissimulada como as opiniões divergentes são marginalizadas ou tratadas com condescendência até ao ponto de se tornarem irrelevantes. No entanto, não foi a autocomiseração que me levou a escrever. Deixe-me contar-lhe o que me aconteceu durante um único mês, entre Maio e Junho de 2001.

A pedido directo do Vaticano, fui convidado a testemunhar a favor do lado oposto nas audiências sobre a canonização iminente da Madre Teresa. Foi uma excelente oportunidade para fazer de Advogado do Diabo no sentido literal, e devo dizer que a Igreja se comportou com muito mais cuidado e escrúpulo do que os meus críticos liberais. Uma sala fechada, uma Bíblia, um gravador, um bispo, um diácono e um padre para um exercício solene de testemunho, no qual fui encorajado a apresentar todas as minhas descobertas e opiniões. Contar-lhe-ei tudo noutra altura; o que interessa ressaltar é que a narrativa deixou de ser monopólio dos fundamentalistas.

A televisão britânica transmitiu um documentário exaustivo sobre a Princesa Diana, dando (finalmente) espaço e tempo adequados àqueles de nós que não aderiram ao seu culto. Fui entrevistado durante algum tempo e não recebi a enxurrada de correspondência histórica que era, até há não muito tempo, parte do meu risco profissional. Quem é que seria capaz de repetir esta proeza?

Slobodan Milosevic foi levado para Haia para enfrentar um tribunal. Não me regozijeii propriamente com a forma como ele foi efectivamente «comprado» à Sérvia em troca de promessas de ajuda financeira, mas já lá vão alguns anos desde que ele assumiu o compromisso, em Dayton, de cooperar com o tribunal, e isso era o suficiente. Pensei em todas as discussões que tive sobre Srebrenica, Sarajevo e o Kosovo, em todas as desculpas inconsistentes que foram dadas para não se fazer nada para

travar o fascismo sérvio, em todas as alturas em que, na Bósnia, a situação parecia não ter solução, e permiti-me sentir um orgulho secreto pelo pouco que tinha feito, bem como vergonha pelo muito pouco que isso foi.

As iniciais presidenciais de aprovação de Bill Clinton foram encontradas numa nota escrita pelo seu meio-irmão Roger, que estava empenhado em tentar obter um perdão para um traficante de droga, bem como em explicar como tinha conseguido um bloco de cheques de viagem. Houve a habitual tentativa de encobrimento assente na base de não se ter verificado «qualquer *quid pro quo* comprovado», mas reparei, no rescaldo do perdão a Rich, que já há vários meses que não me envolvia em qualquer polémica sobre se Clinton era, ou não, um desprezível vigarista. Acredite em mim, lembro-me de quando isto era bem diferente...

Henry Kissinger, desafiado na televisão a responder à minha acusação de que era responsável por crimes de guerra e de crimes contra a humanidade, respondeu com uma tentativa enfurecida e desesperada de mudar de assunto e acusou-me de ser um negacionista do Holocausto. (Também seguiu o costume de mencionar a Madre Teresa e, por alguma razão, Jackie Kennedy.) Isto permitiu-me intentar uma acção judicial contra ele, tanto por difamação, no meu próprio caso, como – através do processo de investigação – para demonstrar que era um mentiroso experimentado e recorrente. Considerando o que eu tinha escrito sobre ele na imprensa, a desproporção entre o meu processo contra ele e o processo dele contra mim era evidente para todos. Mas eu podia provar que aquilo que eu tinha dito correspondia à verdade, enquanto ele não podia, e isso continua a ser uma grande diferença. (Adlai Stevenson disse uma vez a Richard Nixon: «Se parar de dizer mentiras sobre mim, eu paro de dizer a verdade sobre si.» Gosto da eufonia, mas não teria o direito de fazer tal acordo com o homem que devastou o Camboja, Chipre, Chile e Timor-Leste.)

Portanto, este foi um mês espantoso e maravilhoso; talvez o melhor da minha vida. (Terminei o meu estudo do centenário de George Orwell no mesmo período. É muito mais civilizado estar a escrever sobre ele do que sobre qualquer um dos anteriores.) Não falo disto apenas para me gabar, embora isso aconteça. Foi para compensar muitos, muitos outros meses, em que a cultura da celebridade, a escumalha do *spin*, os advogados corruptos e os falsos estadistas e clérigos pareciam ter tudo à sua maneira. Eles voltarão, claro. Estão sempre «de volta». Nunca se vão embora. Mas a sua vitória não está garantida à partida. E há também justificações a obter, muito mais satisfatórias do que qualquer uma que possa vir da ilusão enganadora das boas notícias ou da «boa imprensa».

Espero poder reforçar alguns destes pontos nas próximas páginas, que, mais uma vez, agradeço ter-me desafiado a escrever.

Christopher Hitchens
Stanford, Califórnia
Dia da Independência, 2001

INTRODUÇÃO

As páginas que se seguem representam a minha tentativa de aceitar o desafio que me foi lançado nos primeiros meses do ano 2000. Poderia eu dar algum conselho aos jovens e inquietos; algum conselho que os ajudasse a evitar a desilusão? Entre os meus alunos da New School, em Nova Iorque, e nos bares e cafés dos outros *campus* por onde falava, muitos mantinham a esperança idealista de querer mudar o mundo para melhor e, o que não é exactamente a mesma coisa, de viver uma vida que fosse, tanto quanto possível, autodeterminada. Esta conversa tinha assumido vários sentidos ao longo do tempo, até que comecei a sentir o peso de cada milésimo de segundo que me marcava como um *soixante-huitard*, ou seja, um sobrevivente da última era comumente reconhecida como «convulsão revolucionária», aquela que em parte terminou e em parte culminou nos acontecimentos de 1969. Depois veio a proposta de expor e discutir o assunto na forma de correspondência; para ser específico, na forma sugerida por Rainer Maria Rilke nas suas *Cartas a um Jovem Poeta*. A minha reacção imediata foi recordar o que Byron escreveu no seu poema de crítica aos gregos subjugados:

E irá a sua lira, há tanto tempo divina,
Em mãos como as minhas degenerar?

No entanto, vários dos meus alunos acharam que poderia valer a pena ou ser, pelo menos potencialmente, divertido. As cartas que se seguem são escritas de forma sucinta e como se fossem dirigidas a um deles enquanto representante de todos.

**CARTAS A UM JOVEM
DISSIDENTE**

Meu caro X,
Acaba por me lisonjear e embaraçar quando me pede conselhos sobre como uma vida radical ou «dissidente» pode ser vivida. A lisonja está na sua sugestão de que eu poderia ser o «modelo» de qualquer pessoa, quando, quase por definição, uma única existência não pode fornecer qualquer padrão (e, se for vivida em dissidência, não deve ser suposto, de qualquer forma, que seja imitada). O embaraço está no próprio título que propõe. É estranho, mas não deixa de ser verdade, que a nossa língua e a nossa cultura não tenha uma palavra adequada para a sua aspiração. O nobre título de «dissidente» deve ser conquistado em vez de reivindicado; pressupõe sacrifício e risco, em vez de mera discordância, e foi consagrado por muitos homens e mulheres que se distinguiram pelo seu exemplo e coragem. «Radical» é um termo útil e honroso – e, em muitos aspectos, aquele que eu prefiro – mas acarreta vários riscos de saúde que discutirei consigo numa próxima carta. As restantes expressões – «inconformado», «imprevisível», «rebelde», «jovem zangado», «rezingão» – são todas ligeiramente afectuosas e diminutivas e, talvez por isso, um pouco condescendentes. A partir delas, pode depreender-se que a sociedade, à semelhança de uma família benévola, tolera e até admira a excentricidade. Mesmo o termo «iconoclasta» raramente é usado de forma negativa, mas antes para sugerir que a destruição de imagens é uma descarga